

# Delírios eleitorais

LUIZ PAULO HORTA

**E** de repente, no embalo do clima eleitoral, começa uma conversa de que a derrubada da inflação não é uma coisa tão importante assim; que o Governo pode ter exagerado na dosagem, etc. etc.

Raciocinou nessa linha, há dias, o deputado Michel Temer. Entrevistado por Míriam Leitão, o coordenador da campanha de Lula, Marco Aurélio Garcia, leva o raciocínio um passo à frente: o combate à inflação teria sido uma ardilosa tramóia do capitalismo internacional para brecar o nosso ímpeto desenvolvimentista.

Em clima de eleição, muitos sonhos e delírios se espalham pelo ar. Mas, nesse caso específico, seria triste, e até trágico, se do sonho se passasse à ação.

O presidente da República pode estar passando por um sério eclipse político. Devem existir muitas razões para isso, umas boas, outras más. É certamente espantoso que o prestígio de que ele dispunha pareça derreter como sorvete ao sol. Mas daí a dizer que a luta contra a inflação não foi importante, ou que é uma etapa superada, a distância é enorme. Pois foi justamente essa luta que mostrou que o Brasil, depois de uma interminável pândega, estava começando a se transformar num país sério.

Alguém já disse que países sérios têm duas marcas fortes: a bandeira nacional e a moeda. E isso não é literatura. Todo mundo conhece à bandeira francesa, a inglesa, a americana. E todo mundo sabe que existe o franco, a libra, o dólar (se agora vem aí uma moeda européia, isto são outros quinhentos).

A moeda séria significa um padrão de troca, uma

base para todas as transações. Mas tem um significado que vai muito além disso. Significa confiabilidade, em todos os sentidos. Significa um terreno firme sobre o qual fazer planos (inclusive planos de crescimento). Significa uma dose indispensável de realidade na vida econômica.

O Brasil, durante muitos anos, achou que pôdia brincar com isso. Deixamos a inflação crescer (há quem, diga que tudo começou com a construção de Brasília). Com ela, começou a distorção dos números, e o afastamento da realidade.

Há um precedente muito antigo para essa história. Nos tempos medievais, as moedas valiam o seu peso em ouro. O padrão era confiável e a cunhagem de moedas tinha um caráter quase sagrado. Nem os reis podiam fazer o que quisessem nesse terreno. Em alguns países, por exemplo, a ordem dos Templários controlava todo o processo. Aí veio um rei espertinho — Filipe, o Belo, na França — que resolveu mudar esse estado de coisas. Armou-se um processo iníquo contra os Templários. A moeda passou para o controle do rei. E o rei começou a roubar no peso — isto é, a usar menos ouro na cunhagem. É o que se podia chamar de um começo de inflação.

Mas, naqueles tempos, a economia não girava na velocidade de agora. A agricultura dominava, e o padrão de troca talvez não fosse tão importante.

Hoje em dia, quando o jogo econômico assumiu uma notável complexidade, a dose de realidade que ainda ficou nessas transações é o valor da moeda. O povo pode não entender nada de altas finanças. Po-

de não especular (não tem como), não investir. Mas, se tiver na mão uma moeda de verdade, é capaz de fazer seus cálculos, de saber se um produto está caro ou barato, de ter um horizonte mínimo de previsão.

É esse mínimo de segurança que economistas espertos ou inconsequentes querem agora derrubar — e é difícil achar adjetivos para uma tal perversidade.

A inflação continuada corrompeu o Brasil. Ela é a grande vilã no processo de disparidade de renda que se foi acentuando entre nós. O país enriquecia; mas a distribuição de renda piorava, porque o pobre não tinha defesa contra a inflação — enquanto até a pequena classe média aprendeu a fazer o seu investimentozinho.

Pior: os governos se tornaram sócios da inflação. Se, nesses dias, passamos por duras provações, isso tem muito a ver com o fato de que os estados e municípios, com o fim da inflação, foram obrigados a cair na realidade. Antes, dívida de governo era empurrada para debaixo do tapete, por três, quatro, cinco meses. Como tinha valor fixo, ao ser pago já valia muito menos que o seu custo original. Maneira facilíssima de equilibrar as contas.

Maneira esplêndida, também, de se estimular a falta de caráter. E aí é que vai bater, em última análise, essa conversa de inflação. Temos vivido, por longo tempo, de expedientes. O país é imenso. Quando aperta o cinto aqui, vamos para ali. Nunca sofremos a pressão geográfica (ou a das guerras)

O GLOBO

10 JUN 1998

que obriga os povos às definições irrevogáveis. Sempre achamos que dava para espichar um pouco mais o prazo (como na questão da justiça social).

E é isso que está implícito nessa triste pregação de um retorno aos velhos tempos. O que eles estão dizendo, esses economistas sem princípios e sem lucidez, é que podemos continuar empurrando tudo com a barriga, comendo a moeda por dentro, em vez de fazer as reformas que precisam ser feitas, porque aliviam o caixa do Tesouro e viabilizam investimentos produtivos. (Claro, é muito mais fácil propor um pouco mais de inflação do que discutir a sério, por exemplo, a reforma da Previdência.)

O Governo Fernando Henrique pode ter todos os defeitos; mas, pelo menos, foi capaz de colocar o país diante de uma espécie de verdade econômica.

Outros países tiveram a coragem (ou sentiram a necessidade) de fazer a mesma coisa. Em Israel e na Argentina, o preço do processo de estabilização foi muito mais alto que o nosso. A Venezuela, para sanear o seu sistema bancário, fez um tipo de Proer perto do qual o daqui só daria para pagar um picolé. O povo sofreu horrores, mas entendeu que era preciso. Na Argentina, depois de um arrocho que nunca vimos por aqui, e depois de sete anos de Governo, Menem foi reeleito, porque o povo, lá, sabia que nada compensava a volta ao pesadelo inflacionário.

Aqui, depois de tudo o que já foi feito, é simplesmente criminoso insinuar que a inflação é uma coisa elástica. É tão elástica quanto uma gravidez: ou há, ou não há. Meio-termo não existe, a não ser na cabeça dos que brincam com a vida dura do povo.

...é criminoso  
insinuar que  
a inflação é  
uma coisa  
elástica

LUIZ PAULO HORTA é jornalista.